

Tuma teme que sessão vire 'atração circense'

Senador destaca que é preciso habilidade para que não sejam criados novos conflitos

O senador Romeu Tuma (PFL-SP), corregedor-geral da Casa, acredita que o processo de confrontar duas ou mais pessoas para dirimir divergências em suas declarações pode trilhar dois caminhos: "Ou é realizada de forma a se aproveitar ao máximo o momento, a partir de reações, raciocínios interrompidos etc., ou será mera atração circense", destaca o senador.

Tuma lembra que a acação, prevista nos artigos 229 e 230 do Código de Processo Penal, é "uma prova complementar", que depende de elementos já existentes, como depoimentos e declarações e deve ser realizada quando houver "conflito de versões relativamente aos atos anteriormente realizados."

Ele afirma que a autoridade encarregada de presidir o ato deve ser muito hábil para "desarmar espíritos e destruir versões", estando atento a todos os pormenores daquilo que é dito, além de observar as reações físicas dos depoentes, que "ajudam na aferição da verdade e da mentira."

Para Tuma, "o cenário é muito importante", os acareados devem ser colocados frente a frente, iniciando-se o ato com a apresentação dos pontos de divergência, não se permitindo ao depoente estabelecer longos raciocínios. "As perguntas de-

vem ser diretas, incisivas, repetidas ao exagero, desestabilizando o indivíduo medaz", destaca.

O senador ressalta que distrações não devem ser permitidas, pois podem servir de apoio psicológico ao interrogado, como acender um cigarro, deixar ligado o celular, receber auxílio de assessores ou a manifestação de platéias. Tuma defende que o número de acareados seja o menor possível. "Além de parecer uma reunião de condomínio, o foco da questão será perdido", explica.

Ele recomenda também que antes de começar a sessão sempre deve-se perguntar aos acareados: "O senhor ratifica seu depoimento anterior?" e depois lembrar-lhes do compromisso de dizer a verdade, "sob pena de aplicarem-se as sanções legais."

Tuma recomenda também que se pergunte se os acareados estão sob efeito de tranquilizantes. "Para que, ao depois, caso

frutífera a diligência, não venha o desmascarado tentar anular o ato."

No caso de colegiados, como o Conselho de Ética do Senado, que vai acarear hoje os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), José Roberto Arruda (sem partido-DF) e a ex-diretora do Prodasen Regina Borges, Tuma sugere que "não fiquem várias pessoas fazendo perguntas, apenas o presidente". Mas, na impossibilidade disto ocorrer, "as perguntas devem ser feitas de forma pausada, uma pessoa de cada vez, a fim de que sejam dirimidos os conflitos já postos e não sejam criados novos."

PARA ELE,
PERGUNTAS
DEVEM SER
DIRETAS